



Trânsito, corpo e identidade: imagens da “estranheidade” em Bernardo Carvalho

Transit, body and identity: images of “strangeness” in Bernardo Carvalho

Alex Bruno da Silva¹

Resumo: Partindo da noção de “estranheidade”(CANCLINI, 2016), noção essa que envolve várias nuances e discursos relativos às relações de pertencimento ou, ao contrário, de não reconhecimento, unidas às transformações possíveis das identidades na contemporaneidade, este artigo examina as tensões identitárias representadas no romance *O filho da mãe* (2009), do escritor Bernardo Carvalho, a partir da representação de corpos intitulados *queers* (BUTLER, 2019; LOURO, 2020) que redesenham a homogeneidade dos discursos literários pelo abrigo desses corpos marginalizados. Por fim, chegamos à conclusão de que o romance de Bernardo Carvalho expressa as tensões entre o anseio de pertencimento e o sentimento de ser estrangeiro no próprio país, seja pela diferença sociocultural, seja pela diferença das sociabilidades corporais e sexuais.

Palavras-chaves: Diferença; Deslocamento; *Queer*; Desejo homoerótico; Romance contemporâneo.

Abstract: Starting from the notion of “strangeness”(CANCLINI, 2016), as a notion that involves several nuances and discourses related to the relations of belonging or, on the contrary, of non-recognition, together with the possible transformations of identities in contemporary times, this paper probes the identity tensions represented in the novel *O filho da mãe* (2009), written by Bernardo Carvalho, based on the representation of bodies called *queers* (BUTLER, 2019; LOURO, 2020) that redraw the homogeneity of literary discourses through the shelter of these marginalized bodies. Finally, we come to the conclusion that Bernardo Carvalho's novel expresses the tensions between the desire to belong and the feeling of being a foreigner in one's own country, whether due to the sociocultural difference or the difference in bodily and sexual sociability.

Keywords: Difference; Displacement; Queer; Homoerotic desire; Contemporary romance.

“Para mim, é fundamental o sentimento de não pertencer a um lugar, um certo deslocamento que impossibilita a integração e o reconhecimento [...] o que eu sempre procuro é essa excitação do estranhamento”.

(Bernardo Carvalho)

¹ É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Concluiu o mestrado pelo programa Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás (2018). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2006). Especialização em língua portuguesa e literatura brasileira pela UEG (2008). Especialização em Gênero em diversidade na escola pela UFG (2015). É membro do grupo de pesquisa "Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea" (CNPQ/UFG). Foi coordenador e professor no Curso de Letras, da UEG- Câmpus São Luís de Montes Belos, de 2012 até 2019



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

1 Considerações iniciais

Na contemporaneidade, não se pode falar em experiências do espaço e do corpo sem abordar questões prementes relacionadas às noções de deslocamento, identidade e, sobretudo, de estranhamento. Ao tratar da figura do estrangeiro, o sentido de pertencimento ainda está por ser atribuído, inevitavelmente, pela origem perdida que confronta a possibilidade ou não de ser um outro.

Fruto do projeto “Amores expressos”², o romance *O filho da mãe* (2009), do escritor carioca Bernardo Carvalho, narra as trajetórias dos jovens Ruslan e Andrei expostos ao drama da Segunda Guerra da Tchetchênia. O constante deslocamento espacial faz com que os personagens se encontrem na cidade de São Petersburgo: metrópole labiríntica que tenta se reerguer às vésperas da comemoração de seu tricentenário. Organizado em vinte e três capítulos – divididos em três partes –, o romance apresenta uma teia narrativa que embaralha o tempo e o espaço, entrelaçando diferentes vozes na composição do emblemático encontro entre os dois protagonistas. De um lado, Ruslan, originário de Grózni na Tchetchênia, rejeitado pela mãe Anna desde o nascimento e cujo pai Chakhban foi morto na guerra, consegue, graças a ajuda da avó Zainap, sair do campo de refugiados na Inguchétia para trabalhar nas obras do tricentenário de São Petersburgo. De outro, Andrei, filho do brasileiro Alexandre Guerra com uma russa (Olga), que, obrigado pelo padrasto Nikolai a servir o

² A coleção *Amores expressos*, da editora Companhia das Letras, idealizada pelo escritor João Paulo Cuenca e pelo produtor cultural Rodrigo Teixeira, foi anunciada em 2007 com o objetivo de levar dezessete escritores brasileiros a passar um mês em diferentes cidades do mundo, para comporem um romance que narrasse uma história de amor. Além da produção ficcional, a ideia era que cada escritor, durante a viagem, mantivesse um blog e que, por fim, as narrativas se transformassem em roteiros cinematográficos. Atualmente, dos dezessete romances previstos, doze já foram publicados, entre eles *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

exército, deixa sua cidade de origem – Vladivostok – para viver no quartel de São Petersburgo.

O encontro entre os dois ocorre em situação de total vulnerabilidade nas ruas da cidade vigiada noite e dia. Rejeitado mais uma vez ao reencontrar a mãe Anna e depois de ter o passaporte roubado, Ruslan passa a perambular pelas ruas e rouba o dinheiro de Andrei, fruto de uma prostituição forçada para o sustento do exército Russo. Desse encontro nasce uma história de amor, visto que ambos compartilham a situação de marginalização no espaço urbano e, também, o reconhecimento do desejo homoerótico. Em suma, as imagens das mães culpadas ou que tentam salvar os filhos da guerra e dos pais ausentes dão à narrativa a carga dramática e intensificam a tensão que reside nos conflitos bélicos.

Os deslocamentos desempenham um papel importante na leitura da obra, pois é a experiência do corpo em contato com as ruas da cidade de São Petersburgo que estrutura a narrativa. Nas palavras de Michel de Certeau (2014, p. 165), “o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial”. Assim, esse deslocamento pelo espaço urbano constitui-se de forma complexa e desafiadora, uma vez que envolve outros passantes, gestos e sentidos. Quem caminha ou decifra o sistema urbano experimenta diferentes possibilidades e interditos, segrega ou é segregado. Ruslan e Andrei não podem ser vistos na cidade, já que carregam nos próprios corpos a condição de estrangeiros e o desejo interditado. A apropriação dos espaços expõe as consequências e os diferentes modos que os sujeitos marginalizados podem ocupar os espaços disponíveis.

A proposta deste artigo é analisar os conflitos decorrentes do trânsito espacial, cultural e identitário que o romance retrata, bem como interrogar a ideia de estranheza que entretece toda a narrativa, seja pela sensação do (não)pertencimento geográfico, seja pela representação de corpos não normalizados ou intitulados *queers* (BUTLER, 2019; LOURO, 2020). Esses



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

aspectos implicam em uma subversão aos padrões convencionados na tradição literária e estabelecem, portanto, uma literatura da diferença.

2 Estranhamentos espaciais e corporais

O modo como se constrói a relação sujeito/espaço no romance *O filho da mãe*, a partir da experiência pedestre na qual os personagens moldam os espaços, leva-nos a refletir sobre a questão da identidade – seja pelos processos de (des/re)territorialização³ que acompanham o ser estrangeiro, seja pelos aspectos subjetivos que envolvem o homoerotismo nas experiências eróticas corporais – à luz da noção de “estranheidade”, de Nestor García Canclini (2016), em que as relações de (não)pertencimento e a sensação de estranhamento são mobilizadas em sentido lato.

De acordo com o estudioso argentino, as estranhezas geradas pelos deslocamentos contemporâneos compreendem diversas nuances de ser ou sentir-se estrangeiro, colocando em evidência a condição transterritorial e a dimensão subjetiva que perpassam os deslocamentos.

³ O conceito de des(re)territorialização foi desenvolvido por Gilles Deleuze e Felix Guattari (2011), podendo ser entendido como o movimento pelo qual se deixa o território. Conforme explicam Deleuze e Guattari (2011), a desterritorialização e a reterritorialização não se referem apenas ao aspecto geográfico, temporal, político, econômico ou cultural, mas também, e principalmente, à maneira e à profundidade com que cada indivíduo se deixa atingir e capturar pelo processo de formação identitária. Em *Dicionários das mobilidades culturais: percursos americanos*, organizado por Zilá Bernd (2010), Ana Lúcia Silva Paranhos afirma que o deslocamento migratório se dá por meio de uma desterritorialização, seguida de uma tentativa de reterritorialização. Assim, a reterritorialização é o movimento que consiste em refazer o território, “diferente daquele do território que se deixou” (PARANHOS, 2010, p. 151). Nesse panorama e considerando os deslocamentos em larga escala a partir da globalização, a des(re)territorialização vai além do território, já que ao se deslocar territorialmente o sujeito também tem um deslocamento cultural, social e identitário. Para Stuart Hall (2003/2006) a discussão em torno do tema da identidade e da questão da diáspora pós-moderna se dá a partir da fragmentação e do hibridismo cultural do sujeito pós-moderno. Para Hall (2003/2006), as identidades tornam-se desterritorializadas, construídas e desconstruídas com mais flexibilidade na pós-modernidade. O termo “des(re)territorialização” será usado ao longo deste trabalho a partir dessas noções, no que tange às questões identitárias, aos espaços de constante mobilidade e aos sentidos dos trânsitos, empreendidos pelos diferentes personagens.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Nesse sentido, a sensação de estar fora, sentir-se “outro” ou excêntrico, de não pertencer a um espaço ou a uma condição, são imagens relativas à estraneidade que caracterizam a composição identitária dos protagonistas Ruslan e Andrei, pois ser estrangeiro “não é só o excluído da lógica social predominante. É também aquele que tem um segredo: sabe que existe outro modo de vida, ou existiu, ou poderia existir” (CANCLINI, 2016, p. 61).

A discussão sobre a estraneidade como metáfora das diferenças, incluindo “estranhamentos que vão além da mudança de passagem ou de língua” (CANCLINI, 2016, p. 66), pode ser observada em *O filho da mãe*, sobretudo, nos trânsitos dos corpos não heteronormativos que desafiam o sistema urbano hegemônico com movimentos táticos de resistência política e identitária. Assim, a sensação de estraneidade espacial de personagens errantes em suas geografias culturais juntamente com a crise identitária materializada nas corporeidades desviantes provocam estranhamentos diante da normatização e da hegemonia heterossexual (BUTLER, 2019).

É a partir do signo do estranho que Bernardo Carvalho, em *O filho da mãe*, problematiza a existência desses sujeitos deambulantes no espaço da grande cidade. Ruslan e Andrei sentem-se estrangeiros “na própria sociedade” (CANCLINI, 2016, p. 59), ou seja, dentro do próprio país, que não os reconhecem pelas diferenças regionais e pela situação de clandestinidade na cidade, o que provoca também o estranhamento interno – o corpo, o desejo a identidade. Sobressai, assim, a ideia de desajuste, de desestabilidade, de ser o outro.

Considerando, primeiramente, os deslocamentos espaciais e os choques culturais presentes na narrativa, para Ruslan o sentimento de estranheza é experimentado logo que procura a mãe em São Petersburgo. Apesar de ser a cidade de origem dela, há uma tendência segregacionista em relação aos sujeitos oriundos do Cáucaso, região de sua terra natal Grózni. Quando ele vai ao apartamento de Anna, para falar com ela, é Roman – o filho mais novo –



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

quem o recebe, ficando evidente, na cena descrita, a marcação da diferença e a sensação de estranhamento, como observamos no excerto a seguir:

Um homem vestido com um macacão encardido quer falar com a dona da casa. Roman nunca o viu na obra, o que não quer dizer muita coisa. Não costuma prestar atenção nos trabalhadores do prédio. E é normal que não os conheça de vista, pois há grande rotatividade na equipe e quase todo dia aparece um rosto novo. O operário de macacão encardido pode muito bem ser um deles. Mas não está coberto de pó, como os outros que Roman costuma cruzar no pátio e, mais raramente, nas escadas. É como se tivesse tomado um banho e se arrumado antes de vir. O rapaz não é baixo nem alto, tem cabelos pretos, um pouco encaracolados e brilhantes, e olhos escuros. A barba é espessa, mas cortada rente ao rosto. O botão aberto no colarinho da camisa deixa entrever muitos pelos no peito. *Pelo sotaque, Roman diria que ele é do Cáucaso, embora expresse com fluência, num russo gramaticalmente impecável* (CARVALHO, 2009, p. 55, grifo nosso).

A cena citada acima, que sugere a imagem inferiorizada da aparência física de Ruslan e evidencia o preconceito de Roman diante do sotaque caucasiano do irmão, intensifica o sentimento de não pertencimento ou de inadequação àquele espaço, ainda que Ruslan estivesse dentro de seu país. Para Canclini (2016, p. 66), as discrepâncias de sotaque e de expressões regionais denotam correlação direta com a condição de estraneidade frente a uma “sociedade que fala o mesmo idioma com modulações diferentes”.

A demarcação das diferenças entre russos e oriundos do Cáucaso, devido a diversos fatores ligados ao conflito bélico e à questão linguística e social, é confirmada na reação de Maksim, o filho mais velho, e de Dmítri, marido de Anna, ao saberem da origem de Ruslan. Quando Roman conta que um operário procurou a mãe, afirmando que pelo sotaque se tratava de alguém do Cáucaso, Maksim refere-se ao operário como “O bunda-preta” (CARVALHO, 2009, p. 71). Mais adiante, é Dmítri quem manifesta o mesmo preconceito dos filhos, ao pensar que Anna e Ruslan eram amantes: “O operário é do Cáucaso. É ainda mais humilhante



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

que ele não seja russo. Sua reação é automática. A frase já está na ponta da língua” (CARVALHO, 2009, p. 85).

Esse sentimento de aversão acentua que o diferente não é aceito pelos russos. Para Zygmunt Bauman (2009), o medo do desconhecido, a xenofobia, o sentimento de rancor pelos estranhos são reflexos perversos das cidades globais. Assim, os estrangeiros “tornaram-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra os quais demarcamos fronteiras” (BAUMAN, 2009, p. 80). Concordar com o autor significa identificar na composição da personagem um traço das tensões do modo de vida urbano, que coloca a convivência com o diferente num estado de graves incertezas e isolamento.

A situação de Ruslan em São Petersburgo coaduna-se ao que Bauman (2017, p. 52) nos informa sobre as tendências segregacionistas em relação aos estranhos “que surgem à nossa porta *en masse*”, cultura do espaço urbano na era da globalização e da crise migratória: “a cidade é um espaço em que os estrangeiros existem e se movem em estreito contato” (BAUMAN, 2009, p. 36). O jovem tchetcheno vive a exclusão e a marginalização tanto pela sua origem caucasiana quanto pela exploração do trabalho em espaço insalubre. A própria declaração do escritor, ao comentar sobre o romance em tela, aponta diretamente para o modo como o romance promove a representação desse sentimento de rancor pelos estranhos:

Eu pensei: “eu tenho que ter um olhar estrangeiro para esse negócio”. E comecei a procurar todos os personagens que tivessem alguma relação com o mundo soviético ou russo, que eu pudesse usar. Um cubano, que até me representaria como um latino-americano, um vietnamita, um mongol. E só quando eu cheguei a São Petersburgo, cheguei à Rússia é que eu entendi que, na verdade, o estrangeiro mais natural, que não é estrangeiro porque faz parte da Rússia, mas é considerado como um estrangeiro, é o cara do Cáucaso, que é como se fosse um nordestino em São Paulo, é o cara que sofre preconceito, que trabalha no subemprego. E aí veio a calhar, porque comecei a ver que São Petersburgo tinha comemorado 300 anos da criação de cidade em 2003, mesmo ano em que a Guerra da Tchetchênia, uma guerra totalmente bárbara, estava no auge (CARVALHO, 2009, s/p).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Enquanto Ruslan lida com a exclusão e o preconceito contra o povo do Cáucaso e seu sotaque, atitudes que se revelam nos discursos xenofóbicos do marido e dos filhos de Anna, Andrei sofre a experiência de exclusão espacial e social – em relação àqueles que não vivem em São Petersburgo – no exército quando é coagido e humilhado por seus superiores e, em seguida, quando se tornar um desertor vagando sozinho pelas ruas vigiadas da cidade. A realidade de São Petersburgo tenta solapar qualquer esperança de hospitalidade àqueles que, não por escolha, encarnam a experiência da estraneidade, sentem-se estranhos diante do imposto ou do discriminatório. São para citar Bauman (2017, p. 08, grifo do autor), os “*localmente* intoleráveis, [pessoas] rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões causados por transformações sociais/políticas e subseqüentes lutas por poder”.

O fato é que a questão do estrangeiro ultrapassa o nível da palavra – do conceito – e atinge, no romance, a problemática da representação quando se considera os sentidos instaurados tanto pela mobilidade espacial na cidade do Outro quanto pela prática subjetiva da experiência homoerótica, cujo corpo foge da binaridade de gênero e aponta para o estranhamento. Nessa expansão do que se pode entender sobre a imagem do estranho/estrangeiro – em que a ela se agregam ideias de ambigüidade, incômodo, desvio, trânsito e errância –, como representação e/ou temática da própria poética de Bernardo Carvalho, a problemática da identidade se coloca como questão integrante à noção de estraneidade.

No bojo da narrativa de Carvalho, a ideia de identidade existe também enquanto matéria textual, pois a partir do deslocamento das personagens o descentramento identitário – alicerçado nas diferenças culturais, sociais, sexuais e de gênero – pode ser lido como signo da instabilidade espacial de subjetividades deslizantes, cujos corpos considerados destoantes



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

estão em processo de alteração e/ou reconhecimento do sujeito como um Outro: incompleto e em movimento contínuo de formação. Esta observação toca em questões levantadas por Stuart Hall (2014), em seu ensaio “Quem precisa de identidade?”, na medida em que aponta o termo identidade como ponto de sutura entre os discursos/práticas que tentam nos interpelar e os processos que produzem subjetividades e nos constroem como sujeitos.

Para o autor, a perda do poder unificador das nações cede lugar à consciência subjetiva de cada sujeito aos quais se pode falar por meio da diferença (*différance*⁴) e que, dentre outros aspectos, essa diferença pode ocorrer consideravelmente nas concepções do próprio corpo, já que “o corpo tem funcionado como o significante da condensação das subjetividades no indivíduo [...]” (2014, p. 122). A ruptura com a ideia de uma identidade fixa, integral e originária tem evidenciado cada vez mais a “existência de um “eu” inevitavelmente performativo” (2014, p. 103) e, ao mesmo tempo, vem demonstrando também culturas cada vez mais heterogêneas e diaspóricas.

De acordo com Kathryn Woodward (2014, p. 22), no ensaio “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, o processo migratório produz “identidades plurais” marcadas pelas diferenças culturais e simbólicas. Assim, o deslocamento espacial pode ser lido como uma espécie de contestação da unidade e centralidade do eu. Woodward (2014) aponta a marcação da diferença – sustentada, sobretudo, pela exclusão – como exemplo de como as identidades adquirem sentidos por meio da linguagem e de símbolos opostos, mas que de alguma forma se relacionam. Para isso, a autora exemplifica com a história da guerra

⁴ Stuart Hall, a partir de seu posicionamento dos Estudos Culturais, explora a noção de identidade pautada no conceito de *différance*, de Derrida. Dessa forma, não significa que o conceito seja alterado ou reelaborado, mas sim alocado para o campo cultural como espaço de problematização. Para Hall (2014, p. 106), a identificação é um processo de articulação e está sujeita ao “jogo da *différance*”, o que pressupõe que o sentido nunca se conclui ou se completa, mas permanece em movimento para abarcar outros sentidos que podem ser instaurados pelo discurso, pelo gênero, pela sexualidade, pela raça, pela classe, pela política e por tudo o que não se deseja alcançar um sentido de igualdade ou que se quer diferir por uma lógica binária.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

entre sérvios e croatas, diferentes por suas posições nacionais ou pelo cigarro que fumam de cada lado, para enfatizar que:

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença (WOODWARD, 2014, p. 09).

No exemplo trazido pela autora, a marcação da diferença aparece na simbologia do cigarro fumado pelos sérvios e os croatas, o que leva tanto um ou o outro a negar aquilo que percebem como sendo uma suposta superioridade em relação ao outro. A diferença, assim sendo, é sustentada pela exclusão: “se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa”. (WOODWARD, 2014, p. 09). Em *O filho da mãe*, a marcação da diferença é enfatizada, como analisamos anteriormente, na negação do marido e dos filhos de Anna, ao saber que Ruslan é caucasiano: “Um irmão do Cáucaso é pior do que morrer, do que nascer cego ou preto” (CARVALHO, 2009, p. 174). O fator da nacionalidade estabelece, no romance, distinções que se desdobram em fatores sociais e culturais estigmatizados, a saber: o desejo homoerótico que destoa dos padrões hegemônicos culturalmente estabelecidos e a clandestinidade que coloca as personagens também em situação de marginalidade.

No entanto, apesar da diferença ser um aspecto na busca de conceituação da identidade, Woodward problematiza essa marcação simbólica relativizando que os sistemas representacionais marcadores da diferença, em alguns casos, podem incluir uma uniformidade ou uma relação semelhante. Assim, a identidade “não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença” (WOODWARD, 2014, p. 40, grifo da autora); ela é relacional. Por isso, mesmo estando em lados opostos da guerra – Ruslan, tchetcheno, e Andrei, nascido na



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Rússia – a condição excludente em São Petersburgo e o reconhecimento de seus corpos homoeróticos, levam os protagonistas de Carvalho a encontrarem entre si uma relação que os unificam.

A partir dessa problematização, a autora argumenta que as identidades, pensadas em um contexto de globalização e migração, são diversas e cambiantes, justamente porque o próprio processo de globalização recai em uma crise da identidade que coloca em xeque uma série de certezas tradicionais, de forma que sempre existe algum deslizamento.

Essa concepção de identidades instáveis, tão polêmica quanto ampla, também é tratada por Stuart Hall (2006) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, na perspectiva dos Estudos Culturais, como uma “celebração móvel”, cambiante e não unificada em torno de um eu coerente. A identidade, para Stuart Hall, implica a noção de deslocamento, uma vez que ela é definida historicamente e não biologicamente. Por isso, para ele os descentramentos identitários são entendidos a partir da posição ocupada pelo sujeito no discurso em relação ao Outro. Ou seja, pensar as identidades no mundo contemporâneo é aceitar que elas são cada vez mais fragmentadas e construídas ao longo de práticas e posições de um eu constantemente em processo de transformação: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Quando a identidade é concebida a partir dessa perspectiva desintegrada, sendo composta de interpelações, ela é refletida na escamoteação temporal. As alternâncias temporais e a pulverização de vozes no romance apontam, de forma plural, a identidade cultural (fragmentada) de Ruslan; o sentimento de não identificação de Andrei, russo, que se sente um expatriado em sua terra; a identidade cultural russa; as identidades culturais de seus



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

pais; e suas identidades individuais que operam sob o sinal da rasura, “nas práticas de autoconstituição subjetiva” (HALL, 2014, p. 126).

O romance, por sua vez, traz à tona a desintegração das identidades nacionais, uma vez que a ausência de enraizamento e sentimento patriótico pelos protagonistas revela a fragilidade das identidades nacionais. Ruslan e Andrei não estão em busca de uma pátria, pois a existência agregadora e a ideia de nação não têm mais razão de ser. A representação da migração em *O filho da mãe* desvela o desconforto que os protagonistas sentem por experienciarem tantas formas de exclusão diante do contexto da guerra, das situações de vulnerabilidade e de desamparo. Eles vagam e carregam consigo a incerteza quanto ao futuro e a experiência da errância “multiplicada e reunida pela cidade, [o que] faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas [...]” (CERTEAU, 2014, p. 170).

A ideia de uma identidade unitária, que traria a sensação de pertencimento a uma nação, não aparece na narrativa de Carvalho. Os personagens estão em constante deslocamento e descobertas, provocando aquilo que Hall (2006) pontua como sendo uma descentralização do sujeito pós-moderno. Para ele, a identidade nacional é uma construção imaginária e sofre um deslocamento conceitual na estrutura das sociedades contemporâneas. A globalização, a noção de espaço, as trocas culturais e políticas seriam os principais fatores que impulsionam as novas formações das identidades nacionais. Assim, ele pontua três hipóteses em relação às identidades nacionais:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".
- As identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades — híbridas — estão tomando seu lugar (HALL, 2006, p. 69, grifos do autor).

A impossibilidade de voltar a um estado de integridade e unicidade étnica depois de entrar em contato com o outro, reúne elementos para a composição de novas formas de identidades. A desintegração da identidade nacional ou seu caráter híbrido aparece na composição da maioria das personagens do romance: Andrei que é filho de uma russa e de pai brasileiro; o seu padrasto Nikolai que convive com diferentes sujeitos “sobre o mar do Japão” (CARVALHO, 2009, p. 149); Alexandre Guerra – pai de Andrei –, brasileiro que vive viajando para lugares de culturas diferentes, motivado pelo trabalho de botânico; e Ruslan, filho de pai tchetcheno e mãe russa, são alguns exemplos de como as personagens de Carvalho vivem uma desestabilização identitária.

Para Hall (2006), a globalização e as migrações contínuas resvalam no sentimento de (não)pertencimento que o sujeito toma para si, uma vez que na era das comunicações globais tem havido migrações contínuas levando “uma pluralização de culturas nacionais e de identidades nacionais” (2006, p. 83). Em relação à segunda hipótese sobre as identidades nacionais ou locais serem reforçadas pela resistência à globalização, podemos dizer que a avó de Ruslan parece acenar para essa tendência, pois vítima da brutalidade sistêmica da guerra e da própria condição de trânsito, cada vez para mais longe das origens, ela luta pela sobrevivência dos elos afetivos, da língua e da cultura: “Zainap não se preocupa em ser repatriada. [...] É uma certeza estranha, como se já estivesse morta. E, de qualquer jeito, prefere morrer em casa, no meio da guerra, a extinguir-se aos poucos num campo de refugiados” (CARVALHO, 2009, p. 24).

As três hipóteses citadas pelo referido autor vislumbram representações em diferentes sociedades, no entanto, a perspectiva de inter-relação cultural, hibridização e o



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

descentramento identitário encontram um espaço maior em seus estudos. Em outro livro chamado *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Hall (2003) também aponta que as identidades contemporâneas são aquelas que estão constantemente se reproduzindo de novo, por meio das transformações dos modelos culturais para além da nação. Assim, ao falar de identidade, Hall (2003) discute implicações relacionadas às formações culturais em contextos de migrações e negociações. Para ele, nossas identidades culturais estão sempre em processo de formação, pois a “cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (2003, p. 44). Por isso, pensar a cultura e interpretá-la só seria possível a partir da análise do deslocamento do sujeito estrangeiro, em sua presença e sensação de alheamentos constantes.

As considerações de Hall são fundamentais para se compreender a errância das personagens de *O filho da mãe*, que vivem a experiência da desterritorialização como a única possibilidade de sobrevivência. A errância de Ruslan e sua sensação de não pertencimento confirmam a falta de contato com a cidade e a ausência de uma relação identitária, por exemplo. Também não há para onde voltar, a guerra destruiu tudo, inclusive o sentido de lar. Isso pode ser observado em um diálogo entre os dois jovens, no qual Ruslan diz:

- Lembra a minha cidade – o ladrão diz, já no interior do prédio destruído.
- Por que não volta pra lá? – Andrei reage com uma raiva retardada, que denuncia o tamanho da sua contrariedade.
- Na minha cidade são as crianças que roubam, pedem esmola e se vendem. *Não quero voltar pra lugar nenhum. Só quero sair daqui.*
- Pra onde?
- *Não sei. Não importa. Para longe deste lugar, para fora deste país* (CARVALHO, 2009, p. 136, grifos nossos).

A perda de referência de um lar e o deslocamento pelas ruas de São Petersburgo configuram, nos termos de Hall (2003, p. 36), uma experiência diaspórica “desterritorializante



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

em seus efeitos”, tornando as identidades instáveis ao romper com os elos afetivos duradouros e com o espaço de origem. Por isso, podemos dizer que a identidade se faz no próprio movimento, ora marcado pela condição de clandestinidade e exclusão, ora pela busca subjetiva e transgressora dos elos homoeróticos.

Por este ângulo, os protagonistas de *O filho da mãe* vivenciam a fragmentação identitária causada pelo deslocamento e também pela marginalização social em relação ao corpo e ao desejo que não são considerados pelos discursos hegemônicos. De acordo com Hall (2003, p. 44), as novas configurações identitárias, diante dos conflitos gerados pela globalização, “estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” e, assim, a identidade cultural não consegue mais representar toda a nação, já que não considera a desconstrução na sequência sexo-gênero-sexualidade e as diferenças de classe, de regiões e de raças.

Ao analisar as identidades da diáspora contemporânea, o autor argumenta que já não é mais possível se apegar a “modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando o mundo inteiro” (2003, p. 47). Para ele, juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe “a proliferação subalterna da diferença” (2003, p. 60), ou seja, formas de resistência à homogeneidade cultural na busca pelo reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade que recusam a diferença em oposições binárias fixas. Corroborando essa constatação, Canclini (2016, p. 68), ao discutir as estraneidades contemporâneas, aponta que: “As tentativas de homogeneizar das evangelizações forçadas, dos Estados nacionais ou das indústrias culturais não puseram fim à diversidade”. Contesta-se, portanto, uma noção homogeneizante e estática de identidades subjetivas ou nacionais.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Em síntese, o sentimento de não pertença à São Petersburgo e os traços de origem mestiça, no caso de Andrei, e da união de uma russa com um caucasiano, no caso de Ruslan, são aspectos que atuam de forma contundente na composição de suas identidades. Tanto Andrei como Ruslan parecem buscar uma outra realidade diante da impossibilidade de continuar em São Petersburgo. No desejo por um lar imaginado, distante e promissor, Andrei chega a sonhar como seria sua vida fora da Rússia, no Brasil e ao lado de Ruslan, como verificamos no excerto transcrito a seguir:

Imagina uma casa na praia, longe do mundo que até hoje ele conheceu, no país do seu pai, onde ele nunca esteve, onde vivem os inocentes. É a casa de que seu pai lhe falava quando Andrei era pequeno. Ele a imagina branca. E, nessa casa, ele imagina a vida possível. Imagina o batedor de carteiras a seu lado (CARVALHO, 2009, p. 157).

Em São Petersburgo, os sonhos da residência, do conforto, da proteção e do afeto parecem ser cada vez mais distantes, por isso o recruta sonha com uma existência possível longe da guerra e da terra de origem, mas que não se concretiza. Já Ruslan, como vimos anteriormente, sente na pele o quanto os sujeitos do Cáucaso ou migrantes refugiados são explorados e discriminados em São Petersburgo. Ele descobre, principalmente quando procura a mãe, que ali não é seu lugar e, assim, anseia por um outro destino que não é o movimento de retorno ao lar, pois como observa Hall (2003, p. 416), é “impossível voltar para casa de novo” quando “a experiência diaspórica se tornou a experiência pós-moderna clássica”. Reafirmando o significado do deslocamento espacial na narrativa, a errância, a perda de referências fixas e a sensação de vulnerabilidade no espaço da cidade servem à desestabilização da identidade construída sob o signo da rasura (HALL, 2014).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Estrangeiros em um mundo dilacerado pela guerra, os protagonistas de *O filho da mãe* vivem a experiência alheia mobilizando sentidos involuntários a partir do contato com o Outro. Ao circunscrever as questões culturais do “eu” no âmbito do “Outro” e as tensões entre sujeito e mundo, no discurso romanesco, Carvalho desvela o falso sentido de progresso anunciado na ideia de mobilidade, pois o deslocamento implica também reconhecer as complexas políticas do espaço contemporâneo e suas linhas de exclusão.

Prosseguindo com a discussão sobre a problemática da identidade na relação sujeito/espaço sob a égide da “estranheidade” (CANCLINI, 2016), interessa-nos analisar, a partir desse momento, a dimensão subjetiva que os deslocamentos adquirem na narrativa, potencializando significados que desmantelam a quebra dos binarismos em relação ao corpo, ao gênero e ao sexo.

Tendo isso em mente parece-nos pertinente pensar a identidade sob a perspectiva do corpo: dispositivo/espaço discursivo e pessoal influído por significados culturais díspares e plurais. É o corpo que fala quando Andrei é roubado por Ruslan e persegue-o durante dias nas ruas da cidade: “Os dois corpos [...] colados um ao outro num canto escuro, tentando conter a respiração [...] Andrei sente o hálito do vulto no pescoço [...] tem o mesmo cheiro que o seu, indistinto. O coração dispara” (CARVALHO, 2009, p. 107). É também o corpo que procura resistir a realidade inóspita e excludente que a cidade/estrutura social de poder lhe impõe: “Juntos, nas ruas da cidade, são uma bomba-relógio. [...] E, essa consciência, que ganha corpo com a simulação do beijo, substitui a necessidade de explicações. Não precisam dizer nada um ao outro” (CARVALHO, 2009, p. 133).

Desse modo, corpo, desejo, identidade e espaço estão profundamente imbricados na narrativa, assim como também demonstram algumas particularidades, sobretudo no que tange à prática homoerótica que serve de estranhamento/transgressão para o padrão cultural



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

dominante. Ao longo do século XX, as discussões sobre o corpo e as práticas sexuais ganharam maior fôlego principalmente com os estudos de Michel Foucault (2010/2014/2019) que mostram como o corpo é, acima de tudo, uma construção discursiva e está também diretamente mergulhado num campo político.

Para o teórico, o corpo é investido por relações de poder postas em jogo pelos regimes disciplinares, pelas normas da cultura, mas “cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (2014, p. 30). Ademais, a partir do momento que o poder, em diferentes lados ou feixes, penetra no corpo, encontra-se, simultaneamente, uma organização arquitetônica de controle e vigilância da sexualidade, mas “a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo *a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo...*” (2019, p. 236, grifo nosso). Nesse movimento, Foucault acena para uma resistência que pode ser pensada no interior de uma cultura, pois “a proliferação de prazeres e “a multiplicação de sexualidades disparatadas” (2010, p. 57) amparam os corpos que contrariam a disciplinarização e a normalização da sociedade.

É em vista disso que uma parte dos estudos *queer*⁵ tem origem no pensamento pós-estruturalista de Michel Foucault. Um dos aspectos mais importantes da teoria *queer* é a ruptura com os binarismos que estruturam a cultura ocidental contemporânea calcada na heteronormatividade, na qual os dispositivos discursivos de poder e as normas regulatórias disciplinares voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites. Valendo-se de algumas

⁵ *Queer*, em inglês, significa estranho, anormal, bizarro. Os estudos *queer* são frutos de uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais estadunidenses como parte do pensamento pós-estruturalista francês que, sobretudo, rejeita quaisquer conceitos ou formas políticas essencialistas, naturalizantes e determinantes das identidades sexuais e de gênero. Para Butler (2019), o termo *queer* tem operado historicamente como uma prática linguística que reivindica políticas mais institucionalizadas aos que são excluídos pelas normas regulatórias. A autora propõe pensar criticamente o termo para que não ocorra um conjunto de divisões sobrepostas entre gays e lésbicas, mulheres e homens.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

concepções foucaultianas, a teórica *queer* Judith Butler (2008/2019) defende que essas normas regulatórias consideram a categoria classificatória do sexo como uma forma de violência contra os corpos, pois para a autora: “o corpo não é um ‘ser’, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia de gênero e de heterossexualidade compulsória [...]” (2008, p. 198). Portanto, podemos afirmá-lo como uma entidade política que recebe e externaliza inscrições culturais produzidas a partir de múltiplas instâncias sociais de poder, tais como: a família, a igreja, a escola, entre outras. Daí a necessidade de produzir um discurso reverso e de desconstrução do corpo como instrumento do poder opressor.

Butler (2008) destaca ainda, no contexto da discussão sobre o gênero e a sexualidade, que as identidades/sexualidades não heteronormativas colocam em xeque a estabilidade do gênero como categoria de análise. As relações de diferenciações pelas quais os sujeitos vêm à existência não procedem nem sucedem ao processo de atribuição de gênero. “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada [...] Uma colisão aberta, portanto afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, [...] sem obediência a um *telos* normativo e definidor” (2008, p. 37).

Nesse sentido, a materialidade do sexo, ao se basear em uma problemática e excludente matriz de gênero, fala de um corpo em conformidade com o poder regulatória e que, na reiteração do discurso heterossexual, nunca se encaixa perfeitamente com as regras compulsórias. Portanto, ao argumentar sobre a materialidade dos corpos, Butler (2019, p. 17-18) enfatiza que o processo pelo qual o sujeito assume um sexo liga-se diretamente à questão da “identificação” e aos meios discursivos “pelos quais o imperativo heterossexual permite certas identificações sexuadas e forclui ou nega outras identificações”.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Essas “outras” identificações, negadas ou excluídas da hegemonia heterossexual – homogeneizante e hierarquizante –, correspondem politicamente às práticas *queer* cuja significação abarca o conjunto dos excluídos e a pluralidade de identidades que desafiam a heteronormatividade. Neste sentido, a identidade é concebida como um efeito dos discursos, os quais se materializam no âmbito da corporeidade, isto é, a noção de identidade está centrada no conceito de performatividade⁶.

Segundo Butler (2019, p. 16), os gêneros e o sexo são performances, atos de linguagem: “uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia”. Assim, a performatividade é uma transposição da diferença entre enunciados constativos e enunciados performativos em razão de um processo de internalização de um conjunto de normas e de construção da própria subjetividade. Isto implica pensar que os atos, gestos, atuações e desejos performáticos sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identificação como causa. Em outras palavras,

os atos e gestos, os desejos articulados e postos em atos criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2008, p. 195).

Os corpos/sujeitos intitulados *queers* desestabilizam a noção de identidades fixas, logo, relacionam-se aos efeitos dos descentramentos identitários (HALL, 2003/2006) que fragmentaram “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

⁶ Para operacionalizar o conceito de performatividade, em que as identidades de gênero e sexuais são entendidas como uma construção cultural/discursiva, Butler (2008/2019) baseia-se nas teorizações da linguística que interliga discurso e ação aos atos de fala de Sean Austin (1976), descritos em *How to do things with words*, divididos em constativos e performativos. Ou seja, os atos constativos estão relacionados às condições de descrição enunciativa enquanto os atos performativos são enunciados capazes de ações no mundo e não apenas os descrevem.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

nacionalidade” (HALL, 2006, p. 09). O questionamento da noção de sujeito cartesiano e central resultou na reformulação da identidade como uma fantasia. As subjetividades *queers*, portanto, desestabilizam a concepção de um “eu” integral e unificado ao mesmo tempo em que expõe/denuncia a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008/2019) como matriz/instituição opressora.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Butler, Guacira Lopes Louro (2020) argumenta que o estranhamento *queer* indica um movimento, uma inclinação, um modo de ser que, se por um lado, aproxima o termo com as discussões políticas dos movimentos ligados às sexualidades destoantes da normatização – lésbicas, gays, travestis, drags, entre outros –, por outro, não se pretende fixar. Mais do que um lugar social estabelecido, *queer* “admite a ambiguidade, [...] o trânsito, o estar-entre” (2020, p. 96). Assim, o estranhamento *queer* “pode ser instigante para se pensar a cultura, a sociedade, para pensar o próprio pensamento” (2020, p. 101). Um corpo *queer* é aquele que incomoda, desliza, desnaturaliza e existe/resiste para perturbar e para estranhar o controle moral dominante.

Isso nos leva a refletir que esse corpo assume a “experiência da estraneidade” (CANCLINI, 2016) como espaço/sentimento dissociativo, “consciência de um desajuste” (CANCLINI, 2016, p. 62), território do prazer, mas também da dor e da repulsa. Ou seja, é um corpo que desafia a sequência que presume a heteronormatividade, que escapa a fixidez identitária, na medida em que se encontra em um interstício: em uma zona de desejo, atração, resistência, mas também de exclusão e negação que constituem o domínio da abjeção (BUTLER, 2019).

Considerando os sentidos e provocações que se desdobram da perspectiva *queer* para pensar a relação homoerótica que se estabelece entre os protagonistas Ruslan e Andrei, é possível dizer que o romance *O filho da mãe* expressa as tensões identitárias de nosso tempo,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

bem como discute as tensões entre o (não)pertencimento e o sentimento de estraneidade – seja pelo deslocamento espacial, seja pela ausência de afeto e reconhecimento – pelo abrigo desses corpos transgressivos.

Ruslan, por exemplo, ao estabelecer relações sexuais e afetivas com outros homens em um espaço/país conservador e homofóbico, não se conforma com as normas de inteligibilidade cultural/discursiva pelas quais deveria ser definido. Já na infância a manifestação da sua sexualidade põe em evidência as fissuras na ordem heterossexista regulada e imposta pela sociedade, passando a experimentar o processo de identificação a partir da sua subjetivação, lançando-se em direção ao novo/estranho, ao desejo pelo corpo do amigo Akif.

Quando eles eram apenas meninos não se falavam direito, o silêncio e o olhar eram as formas de comunicação que delatavam o desejo homoerótico. Sendo assim, “Ruslan, em parte pelo silêncio e pelo mistério que o cercava, desenvolveu um fascínio por ele [Akif]” (CARVALHO, 2009, p. 34). Vivendo em um país maximizado pela guerra, pela opressão e pela homofobia que circunscrevem o heterossexismo compulsório, é, somente na universidade, quando os dois jovens se reencontram, já no auge da segunda guerra da Tchetchênia, que acontece a primeira experiência homoerótica entre eles, “nos escombros do prédio da escola de medicina” (CARVALHO, 2009, p. 34). Ruslan e Akif se encontram na clandestinidade, concretizam seus desejos homoeróticos em meio às ruínas, uma vez que o Estado reprime violentamente as relações entre iguais.

Grózni é uma cidade opressora e violenta, uma vez que as estruturas de poder (FOUCAULT, 2014) evidenciam publicamente a homofobia como uma das formas de legitimação da norma e domínio dos corpos (BUTLER, 2019). A suposta desobediência às regras sociais concorre para a manifestação de preconceitos, pois como assinala o narrador:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

“Qualquer tchetcheno a quem se fizer a pergunta dirá que não há homossexuais na Tchetchênia. E talvez por isso Ruslan e Akif não tenham sido vistos durante os meses em que se encontraram nas ruínas do prédio da escola de medicina. Porque eram invisíveis” (CARVALHO, 2009, p. 35).

A dualidade da construção do corpo/subjetividade de Ruslan, apesar do esforço para ocultar seu desejo homoerótico, apresenta-se permeável e dissidente. Na imagem de seu corpo em movimento, inscrito na ordem do devir, seu aspecto *queer* assenta-se na força criadora do desejo, do erotismo, contra as contingências locais, que se recusam a reconhecer a diferença proliferando, portanto, discursos de regulação disciplinar do corpo. Tais discursos, repletos de fissuras aparecem dicotomizados na narrativa entre a estratégia e a tática, o público e o privado, o segredo e a revelação, o interdito e a transgressão, o prazer e a negação.

O contexto de guerra, de vigilância, as perseguições e os genocídios dimensionam a experiência subjetiva na narrativa: o homoerotismo sob a ótica da identidade fragmentada; os corpos como signo de enfrentamento; corpos que se mostram avessos ao binarismo de gênero e ao contexto sociocultural em que estão situados. Assim, o romance de Carvalho traz à tona corpos estranhos/*queers*, cujos desejos são efetuados nas ruínas e, portanto, suscitam problematizações/ indagações sobre “quais modos de vida contam como ‘vida’, quais vidas vale a pena proteger e salvar, que vidas merecem ser enlutadas?” (BUTLER, 2019, p. 41). Ou seja, qual a importância da vida de Ruslan? Ele escapa à delimitação da matriz heterossexual que qualifica os “corpos que importam” (BUTLER, 2019) e, com isso, resiste aos processos de exclusão. Talvez seja por isso que Ruslan, sob a iminência da violência bélica e do desabono, associa o amor/desejo ao risco e à guerra, como pode ser observado no excerto a seguir:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

[Ruslan] sonha com a primeira noite que passou com Akif nos trilhos abandonados do trem, em Grózní. A ameaça de serem descobertos, associada ao perigo dos bandidos e ao risco de serem alvejados, dava afinal um sentido heroico e rebelde à juventude que não viveram por causa da guerra. [...] E acabou passando a noite num vagão abandonado, como se nada ao redor tivesse a menor importância, como se não estivessem no epicentro da guerra – ou melhor, como se estivessem imunes a ela ou fossem capazes de decretar uma trégua simplesmente por estarem juntos. *De alguma forma, Ruslan passou a associar o amor ao risco e à guerra, porque não conhecia outra coisa. Associou o sexo à trégua (o desejo deixava a realidade em suspenso) e o amor à iminência da perda. E daí em diante só conseguiu amar entre ruínas* (CARVALHO, 2009, p. 38, grifo nosso).

A narração em terceira pessoa implica em distanciamento e aproximação, já que, a variação de focalizações admite que a diegese seja contaminada pelas perspectivas subjetivas dos personagens. No caso da citação acima, a experiência homoerótica é narrada a partir da memória afetiva/corporal de Ruslan que incide sobre os paradigmas de ordens e desordens inscritos no corpo *queer* e suas injunções estigmatizadoras e excludentes. A dimensão onírica, neste caso, traz à tona a consciência da exclusão/marginalização que acompanhará Ruslan no deslocamento até São Petersburgo, já Akif será destruído pela guerra prematuramente. O contexto político social da Tchetchênia é, como vimos, fundamentado por essa estrutura de poder, por esse controle discursivo do sexo, colocando determinados corpos/sujeitos à margem social. Contudo, se “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2010, p. 105), a presença/existência do corpo de Ruslan como espaço do desejo homoerótico, que inventa modos de ser, alternativas para sobreviver – mesmo que momentaneamente e em segredo –, preferindo, pois, o risco, o indeterminado, a suspeição e a errância, rasura as relações miméticas entre gênero e sexo, bem como atravessa as estratificações socioculturais.

Nas tensões entre a diferença e a normatização, Andrei também enfrenta/desafia construções discursivas homogêneas em relação à indeterminação da sua identidade e de seu corpo. O personagem distancia-se dos padrões de masculinidade viril e agressiva



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

representados no romance pela figura do padrasto – um comandante da marinha russa – e pela imagem do serviço militar – tradicional na educação dos russos –, e aproxima-se da subjetividade *queer* pelas práticas homoeróticas que acontecem às escondidas em São Petersburgo.

O convívio turbulento com o padrasto Nikolai e a mãe Olga atravessa a história desse jovem, cujas reações e comportamentos se dão contrariamente ao ambiente opressor em que cresceu e que se mostra similar àquele que caracteriza o quartel militar em São Petersburgo. Se aos olhos da mãe Andrei era “um menino especial” (CARVALHO, 2009, p. 146), para o padrasto o serviço militar era necessário para torná-lo um homem, pois o exército “Endurece as pessoas, forja o caráter” (CARVALHO, 2009, p. 115), portanto, determinado a vê-lo fora de casa, servindo o exército russo, Nikolai enfatiza: “Ele vai ter que aprender, como eu aprendi” (CARVALHO, 2009, p. 153).

As marcas do sistema patriarcal/homofóbico estão representadas no discurso de Nikolai afim de assegurar a dominação, o poder e as normas regulatórias do sexo (BUTLER, 2019; FOUCAULT, 2010). Ao tratar do alcance do conceito de poder, Foucault (2019, p. 369) pensa-o na qualidade de relações difusas em todo o tecido social, em razão de ele ser algo que circula, que só funciona em cadeia. “Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” em diferentes instâncias: Estado e família, por exemplo. Essas duas instâncias nos possibilitam caracterizar o poder em duas formas de distribuição ou confronto: os macropoderes e os micropoderes.

Contudo, no âmbito dos macropoderes, o Estado e seus aparelhos repressivos são problematizados por Foucault, uma vez que o poder é exercido de cima para baixo buscando docilizar o sujeito. Logo, o teórico não pensa em essência ou origem do poder, mas nas relações em rede (micropoderes) que circulam em vários ambientes da sociedade. Em outras



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

palavras, Foucault (2014/2019) observa como os sistemas de micropoderes, nas correlações de forças, agem/atuam sobre a vida do sujeito. Exemplo simples dos micropoderes são as regulações do corpo em diversas situações e espaços, o controle da sexualidade e dos hábitos cotidianos.

Desse modo, é possível dialogar com as reflexões de Foucault para se discutir as regularidades que agem no e sobre o corpo de Andrei. Isso porque o Estado (macropoder) e o padrasto/espaço familiar (micropoder) se juntam para discipliná-lo enquanto um “corpo dócil” (FOUCAULT, 2014). As ações para afirmar o controle da sexualidade de Andrei são feitas, tanto em casa, sob as ordens de Nikolai, quanto no quartel em São Petersburgo, onde a disciplina dos corpos tem o intuito de cumprir o regime discursivo de um macropoder que se realiza sobre os “exercícios militares de rotina” (CARVALHO, 2009, p. 115).

As privações impostas a Andrei pelo padrasto, dentro de sua própria casa, repercutem na impossibilidade de entrar na universidade “para escapar ao exército” (CARVALHO, 2009, p. 152). Como dito anteriormente, é por ser o poder exercido em redes socioculturais que Olga se cala diante do autoritarismo do marido e deixa que o filho se apresente ao exército contra sua vontade. Uma vez no exército, há mecanismos de poder maiores que agem sobre a vida e o corpo de Andrei, que passam sobre técnicas minuciosas de coerção na figura dos superiores: o controle das atividades e horários, a vigilância hierárquica, as punições e pequenas humilhações. Nesse sentido, coaduna-se à experiência militar do personagem o pensamento foucaultiano que sinaliza:

A disciplina [...] individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. [...] O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’. [...] Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente (FOUCAULT, 2014, p. 143-167).

A vida no quartel possui uma rigorosa disciplina e, assim, o poder é repartido para que o controle possa ser exercido sobre todos. O quartel militar possui o princípio do panóptico, espaço que permite ver sem parar e reconhecer imediatamente. Nele a disciplina atua como uma pedagogia analítica. Redobra-se a vigilância sobre a sexualidade, cujo objetivo é disciplinar os corpos como uma das muitas formas de manutenção da norma. Ocorre que, como destaca Guacira Lopes Louro (2010, p. 26), aqueles que escapam ou atravessam os limites normativos “ficam ‘marcados’ como figuras que se desviam do esperado” e, por isso, “as fantasias, as dúvidas, e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado” (LOURO, 2010, p. 27). Há que se sublinhar, assim, que os corpos *queers*, marcados como diferentes, “atravessadores ilegais de territórios” e “descontínuos” (LOURO, 2020), operam deslocamentos e imprevisibilidades, mesmo que discursivamente se encontrem disciplinados/regulados por macros e micropoderes no interior de uma cultura.

A percepção de como esse poder disciplinador atua no espaço militar para a suposta manutenção de uma masculinidade hegemônica, mas, ao mesmo tempo, incita a manifestação do desejo homoerótico, é apresentada/reafirmada no romance a partir da memória subjetiva de Andrei, enquanto este está em deslocamento pelas ruas da cidade fugindo da polícia:

Andrei se lembra do dia em que, logo depois de chegar ao quartel, foi obrigado a costurar as insígnias no uniforme. Seu número e nome de recruta. E aquela lembrança traz outras: os soldados que acordam de madrugada para os exercícios têm de vestir os uniformes que, à noite, o sargento Krássin os exorta a lavar durante o banho. Os recrutas usam apenas sandálias. Andrei tira do pescoço a corrente com o pequeno crucifixo de ouro que a mãe lhe deu. Todos juntos se ensaboam à espera da água que sai gélida de um cano pontuado por pequenos chuveiros ao longo do teto. Lavam os uniformes em bacias de lata dispostas pelo chão. [...] *O sargento grita: Lavem as roupas e os sacos. Lavem bem o saco. E ri.* Os lençóis e as toalhas



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

são distribuídos depois do banho. *É quando Andrei se vê flagrado por Kórsakov, enquanto admira o corpo de Baládski, que ainda está debaixo do chuveiro de olhos fechados, o rosto coberto de sabão.* Se Kórsakov reconhece o que Andrei sente, e se vai denunciá-lo aos superiores, é porque também já sentiu o mesmo. Mas isso não está em questão. O sargento examina o corpo dos recrutas uma vez por semana. Manda abaixar as cuecas até as botas. No inverno, manda abaixar as ceroulas. Toda semana é a mesma coisa, mas na última o sargento foi mais cuidadoso com Andrei. O exame foi mais detalhado. *O sargento examinou cada pelo. Era Baládski quem cortava o cabelo dos recrutas. Andrei sonhava com o dia de cortar o cabelo. E, quando o dia chegava, fechava os olhos, enquanto Baládski lhe acariciava a cabeça* (CARVALHO, 2009, p. 137-138, grifo nosso).

Como visto no fragmento transcrito, os *flashes* da memória de Andrei desnudam os processos de repartição disciplinar para a coerção individual e coletiva dos corpos no quartel amalgamados à imagem do desejo homoerótico sobre o qual os olhares e o corpo se encarregam de dizer. O olhar se torna um gesto perigoso no quartel, pois olhar para o corpo do outro é sinal de desejo. Nesse contexto, cabe ressaltar que o exército é um espaço estreitamente de sociabilidade masculina, cujo *locus* disciplinador, apesar de exigir um comportamento exemplar associado à virilidade, possibilita também um convívio mais íntimo e intenso, no qual os laços de companheirismo, amizade e afetividade podem surgir. Por isso, é um espaço de tensão contínua que facilmente pode levar à homofobia e ao medo.

Tanto a casa do personagem quanto o quartel militar são apresentados como autoritários e repressores. Ambos repelem a diferença e, por isso, acabam sendo abandonados por ele. Após um encontro sexual clandestino com um oficial da reserva, Andrei é roubado por Ruslan e se torna um desertor. Em seguida, Andrei começa a perseguir o ladrão na tentativa de recuperar o dinheiro. Essa perseguição irá desencadear no encontro de dois corpos e duas vidas marcadas por experiências de desamparo e estranhamento; dois mundos com um mesmo destino: sobreviver à experiência da guerra e da desterritorialização.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Cercados pelas ruínas da cidade, Ruslan e Andrei concretizam a comunhão de seus corpos e do desejo homoerótico:

Andrei fecha os olhos e imagina o batedor de carteira sem camisa e sem as calças surradas. Imagina que os dois se despem e se descobrem, tateando o corpo um do outro. E que, conforme se tocam, se beijam e se deitam, também vão sendo cobertos pela poeira do lugar. Quanto mais se tocam mais sujos ficam. Vão sendo vestidos pelo lugar. O peito, as nádegas, as coxas, o pau, o saco e os músculos das costas vão se cobrindo com a poeira das mãos. Os dois se deitam na sujeira do chão de cimento, esbarram em destroços, esfolam-se sem sentir dor, um corpo comprimido ao outro (CARVALHO, 2009, p. 138).

Entre Andrei e Ruslan não há pudor em relação ao corpo um do outro. O que há, de fato, é a exploração do desejo homoerótico, além da busca por afeto e proteção. A imagem do ato sexual ocorre em um espaço marginal, considerado abjeto (BUTLER, 2019), por ser um espaço espúrio, sujo. O espaço funciona como metáfora da exclusão a qual os personagens se encontram, pois, além de possuírem uma subjetividade que destoa da norma heterossexual, eles são estrangeiros, estranhos naquele lugar, a cidade continuamente os expulsa. Assim, a estraneidade vivida pelos personagens configura-se como uma espécie de presságio do que irá acontecer no desfecho da narrativa. A cada fato narrado, Ruslan e Andrei parecem caminhar para a morte, de modo que o sentimento de afeto e a amizade não chegarão a fortalecer-se no fim do romance.

No romance, a imagem das quimeras – que nomeia a segunda parte do romance – funciona como metáfora do amor dos jovens que são mortos de forma violenta. Ruslan é morto em uma emboscada pelos rapazes contratados pelo irmão, Maksim, fruto da relação de Anna com Dimitri em São Petersburgo. Andrei é morto em missão nas montanhas, “ao norte de Vedeno, território controlado pela guerrilha *wahhabita*” (CARVALHO, 2009, p. 191), no momento em que uma quimera, “um bezerro recém-nascido, ao mesmo tempo peludo e



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

pelado” (CARVALHO, 2009, p. 199), havia sido morta por uma mãe que acabara de perder os filhos na guerra. São corpos que não pesam e, portanto, habitam zonas intermediárias, inóspitas e inabitáveis da vida social. Nesse sentido, o corpo é “constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto” (BUTLER, 2019, p. 18), que é, afinal, transgressor e não se recusa a performatividade imposta.

3 Considerações finais

Em *O filho da mãe*, narrar a experiência da estraneidade é também narrar o transitório, o entre-lugar, o ambíguo que se instaura nos liames entre o (não)pertencimento e a errância, o desejo e a interdição, o gozo e a dor. É narrar, a partir da relação corpo/cidade, identidades desterritorializadas em tensão com o espaço turbulento e disciplinador em que os personagens estão imersos.

Tomado como elemento complexo, o homoerotismo em Bernardo Carvalho, ao integrar experiências de trânsito e abjeção entre a vida e a morte, está inextricavelmente ligado a um regime de violência que se opera na estética e na expressão temática da figura do estrangeiro, culminando no esfacelamento do corpo na narrativa e da narrativa do corpo, em seu prazer absoluto. Assim, a subjetividade *queer* emerge como destoante da ordem fundada na tríade Estado, exército e família tão presente na formação identitária dos protagonistas Ruslan e Andrei.

A condição de estraneidade dos dois personagens reforça o sentimento de solidão e carência que assolam suas subjetividades. Destarte, ambos os protagonistas vivenciam suas experiências homoeróticas entre os instantes em que as cenas se ordenam e desordenam no espaço da narrativa; os fragmentos de si tornam significativas as lembranças e os devaneios



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

da memória, sendo que a concretização do prazer homoerótico só é possível na clandestinidade, entre as ruínas da cidade.

Se por um lado Andrei e Ruslan encontram hospitalidade, afetividade e aceitação no corpo um do outro, por outro, visando estabelecer a ordem social, seus corpos instituem a diferença, a deformidade e a estranheza. São considerados abjetos porque excedem os limites da “normalidade”. Essa tensão entre afeto e abjeção indica a intensa problemática do outro (o estrangeiro) em sua invisibilidade social, política e cultural.

É possível pensar, ainda, para além do domínio da representação, a experiência da estraneidade no âmbito da leitura da obra, pois enquanto leitores brasileiros de um romance contemporâneo brasileiro nossa experiência é análoga à experiência do estrangeiro por ser uma obra que problematiza essa temática e gera uma sensação de estranhamento pela presença de um espaço distante do nacional. Percebemos, com isso, que o próprio autor assume o papel do outro – do estrangeiro. Portanto, a ideia de uma identidade nacional, segura e fixa é recusada em favor da flexibilização marcada pela diferença.

Por fim, a perspectiva *queer*, imbricada ao signo do estranhamento, caracteriza-se por reconhecer outras formas de prazer que não se restringem ao padrão imposto pela heteronormatividade. Não por acaso, acolhe as identidades deslizantes em trânsito, pelo desafio à natureza inflexível dos nacionalismos e dos ideologemas patriarcais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

_____. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1edições, 2019.

CANCLINI, Nestor García. O mundo Inteiro como lugar estranho. In: _____. *O mundo inteiro como lugar estranho*. Trad. Larissa Fostinone Locoselli. São Paulo: Edusp, 2016, p. 55-72.

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Pânico em São Petersburgo* [Entrevista concedida a Bruno Dorigatti, publicada em 29 de setembro de 2009]. Disponível em < <http://www.saraivaconteudo.com.br/Artigo.aspx?id=82>>, acesso em 25 de agosto de 2020.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte do fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2010.

_____. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07-34.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 147-166.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 07-72.